Capítulo 42

Povos pré-colombianos: os índios brasileiros

Também quando chegaram à América do Sul, os europeus a encontraram povoada. Pensando ter chegado às Índias, chamaram tais habitantes de índios, nome que permaneceu mesmo depois de percebido o engano.

1. Grupos e modo de vida

Um critério muito usado para classificar os indígenas é agrupá-los de acordo com a língua que falam. Os especialistas já analisaram mais de cem línguas faladas no Brasil, agrupadas em famílias; e estas, em troncos.

Existem três troncos principais conhecidos:

Tupi (8 famílias e 26 línguas);

Macro-Jê (5 famílias e 16 línguas);

Aruaque (2 famílias e 13 línguas).

As primeiras notícias sobre os índios brasileiros chegaram à Europa no século XVI. Eram histórias de viajantes, náufragos e missionários que viveram em aldeias litorâneas, entre grupos tupis. Os relatos generalizavam os traços culturais e, durante muito tempo, os índios brasileiros foram considerados todos iguais. Hoje sabemos que não formam um grupo homogêneo; apesar disso, podemos destacar certas características mais gerais.

A organização social básica é a *tribo*. Seus indivíduos ocupam aldeias próximas, falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e estão ligados por forte sentimento de unidade. Certos grupos constroem as aldeias em forma de círculo; outros, em forma de ferradura. Outros, ainda, ocupam uma única habitação coletiva.

Os indígenas brasileiros praticam a coleta, a caça, a pesca e a agricultura. De modo geral, deslocam-se periodicamente, procurando conseguir recursos com maior facilidade. Os grupos que praticam a agricultura podem viver em aldeamentos maiores. Mais *sedentários*, podem se dedicar a atividades como fabricação de cerâmica e tecidos. Os não-agricultores precisam subdividir-se em bandos pequenos, para que o alimento conseguido na caça e na coleta seja suficiente para todos. Mais *nômades*, não têm estímulo para produzir cerâmica, pois os recipientes de barro são incômodos para transportar. Além disso, a falta de produção agrícola e de animais domésticos resulta na falta de matéria-prima para tecer panos. Por isso, os povos coletores-caçadores quase sempre não dispõem de cerâmica nem de tecidos.

A *coivara* é a forma característica de preparação do terreno para o plantio. Consiste na derrubada e queima da mata. Geralmente, a roça pertence a toda a tribo. Mas costumam ser individuais os instrumentos de trabalho.

A divisão de trabalho baseia-se no sexo e na idade. Simplificadamente, podemos afirmar que são tarefas femininas:

- cuidar da roça, do plantio à colheita;
- coletar;
- fabricar farinha;
- fiar e tecer;
- fazer serviços domésticos e cuidar das crianças.

Em geral, os homens se responsabilizam principalmente por:

- derrubar o mato e preparar a terra;
- caçar e pescar;
- fabricar canoas e armas;
- construir casas;
- proteger velhos, mulheres e crianças;
- empreender expedições guerreiras.

Os casamentos se fazem, em geral, entre membros da mesma tribo. Os bororos dividem suas aldeias em metades cerimoniais, e os casamentos ocorrem entre indivíduos de metades diferentes. Algumas sociedades permitem a *poligamia*. Entre os nambiquaras, só os chefes são polígamos. Entre os xoclengues, coexistem uniões poligâmicas e monogâmicas, além do casamento grupal: cada homem casa com duas ou mais mulheres e estas casam com mais de um homem.

2. Equilíbrio com a natureza

O índio aprendeu a usar a natureza em seu benefício e a viver em equilíbrio com ela. Alguns de seus conhecimentos mais comuns:

Astronomia — Muitas tribos classificam as estrelas em constelações, que evidentemente não coincidem com as da moderna Astronomia. Os antigos tupinambás previam chuvas pelo aparecimento de certas estrelas e conheciam a correspondência entre marés e fases da lua.

Venenos de pesca — São sucos vegetais que, aplicados à água, intoxicam os peixes, facilitando a captura. Na América do Sul se conhece perto de setenta espécies de vegetais venenosos usados na pesca. No Brasil, o veneno mais conhecido é o timbó ou tingui.

Venenos de caça — O nome genérico é *curare*, usado por índios da Amazônia. Eles o colocam na ponta da flecha. O animal ferido fica paralisado e morre por asfixia.

Tapiragem — Processo para mudar a cor das penas. Há duas técnicas básicas: aplica-se à pele do pássaro uma substância, como sangue de certa rã ou faz-se o pássaro engolir uma substância, como água com urucu.

Borracha — Os índios fabricaram os primeiros objetos de borracha. Os nambiquaras, por exemplo, fazem uma bola de barro e nela espetam um canudo. Cobrem a bola com látex. Jogam água pelo canudo para dissolver o barro, que jogam fora. Retiram o canudo, fecham o buraco que ele deixa com látex e, assim, têm uma bola de borracha.

Os índios dispõem ainda de muitos conhecimentos, boa parte ligada à alimentação.

3. Arte e utilidade

A arte indígena se manifesta, geralmente, na fabricação de objetos que também têm utilidade no dia-a-dia. Outras manifestações estão ligadas a rituais e festas: pintura, arte plumária, cânticos, danças.

Pintura corporal — Os índios usam o vermelho do urucu, o azul-escuro do jenipapo, o preto do pó de carvão, o branco do calcário, para enfeitar o corpo. Em algumas tribos, como a dos craôs, a pintura corporal identifica o grupo social ao qual pertence o indivíduo.

Arte plumária — Os adornos de plumas são usados em ocasiões especiais, já que a confecção dá muito trabalho. Penas podem ser coladas ao corpo em cerimônias de iniciação, sagração de um chefe e outras. Também servem para fazer enfeites, como colares, brincos, braceletes, diademas, toucas, caudas, mantas.

Arte em pedra — Mais comum antes da chegada dos europeus, de modo especial entre os índios do litoral sul, que fabricavam utensílios ou simplesmente esculpiam animais, como peixes e aves.

Arte em madeira — Um bom exemplo dessa manifestação artística ocorre no Alto Xingu, onde os índios esculpem em madeira banquinhos em forma de animais, máscaras, figuras humanas etc.

Trançado — Com variações de tribo para tribo, os índios usam o trançado para fabricar esteiras, redes e cestos de todo tipo.

Cerâmica — É famosa a cerâmica marajoara, mas os índios que a fabricavam desapareceram antes da chegada dos europeus. Os carajás se especializaram na arte de fazer bonecas, que representam cenas da vida diária. No Alto Xingu, os uaurás fabricam panelas, vasos em forma de animais ou redondos e outros objetos.

Pintura e desenho — Os motivos geralmente têm forma geométrica e estão ligados à cerâmica, cestaria ou ornamentação do corpo.

Música e dança — Podem aparecer juntas ou separadas, fazendo parte de ritos ou apenas servindo de divertimento. Em geral, homens e mulheres não dançam aos pares.

Teatro — As representações teatrais são mais freqüentes entre os craôs. Na festa da batata, um grupo de palhaços repete os gestos de um deles, que atua como líder e toca o maracá; outras vezes, alguns representam a caça e outros, os caçadores.

4. O fim do mundo indígena

Assim como o branco procura explicações para a origem dos índios, estes também procuram entender como surgiu o homem branco. Os timbiras do sul do Maranhão e norte de Goiás, por exemplo, acreditam que os civilizados surgiram da transformação de um menino chamado *Aukê*, do tempo em que só havia índios.

Uma índia ficou grávida e, toda vez que tomava banho no ribeirão, o futuro filho saía de seu ventre e se transformava em animais, que ficavam brincando à beira da água. A mãe nada contava a ninguém. Ainda recém-nascido, Aukê se transformava em rapaz, homem adulto, velho. Todos temiam seus poderes sobrenaturais e, com a concordância do avô materno, resolveram matá-lo. Mas não conseguiam. O avô o empurrou do alto de um abismo, mas Aukê virou uma folha seca e caiu

devagarinho. Atirou-o numa fogueira e, quando foi lá buscar as cinzas do menino, encontrou uma casa de fazenda, com bois e outros animais domésticos. Aukê tinha se transformado no homem civilizado. Ordenou ao avô que trouxesse os outros habitantes da aldeia. Aukê os fez escolher entre o arco e a espingarda; os índios, com medo da espingarda, ficaram com o arco: por isso, permaneceram índios. Se tivessem escolhido a espingarda, teriam virado homens civilizados. Aukê chorou, com pena dos índios.

A história reflete a situação da região dos timbiras, onde os ricos são fazendeiros de gado, e tenta explicar a pobreza e a subordinação diante do branco. Na verdade, foi o processo colonizador que levou os índios a esse estado. Primeiro, foram cativados para o trabalho de exploração do *pau-brasil*, em troca de objetos que os fascinavam. Depois, veio a escravização e a tentativa de fazê-los trabalhar na *cana-de-açúcar*. Os brancos foram tomando-lhes as terras e submetendo os que não conseguiam fugir. Muitos morreram lutando ou vitimados por *doenças* trazidas pelo europeu, como varíola, tétano, tracoma, tifo, lepra, febre amarela, doenças pulmonares, sem falar na cárie que apodrecia suas bocas. Estudiosos acreditam que mais da metade da população aborígene da América, Austrália e ilhas oceânicas morreu logo no primeiro contato com o branco.

Os sobreviventes eram submetidos à descaracterização cultural através da catequese e da convivência com o branco. Perderam sua identidade e substituíram seus valores, crenças e costumes, transformando-se em seres marginalizados e explorados na sociedade dos brancos.

5. Situação atual

Calcula-se que, na época do Descobrimento, havia de 2 a 3 milhões de índios no Brasil. O número se reduziu a 230 000 em fins do século XX. Um levantamento do Conselho Indígena Missionário (Cimi) aponta esses números em 1980:

Acre-Rondônia	*10 490*
Roraima-Amazonas	*72 026*
Pará-Amapá	*10 716*
Maranhão-Goiás	*9 578*
Mato Grosso (Norte e Sul)	*33 052*
Leste-Nordeste	*32 554*
Sul	*14 405*
Grupos arredios	*15 000*
Destribalizados	*30 000*
TOTAL	*227 801*

A maioria encontra-se confinada em reservas, impostas sem levar em conta seus interesses e, muitas vezes, distantes de suas terras originais. São freqüentes os conflitos enfrentados pelos índios, quando tentam defender suas terras.

A partir da constatação de que seus direitos só serão respeitados se eles mesmos passarem a defendê-los, os indígenas brasileiros começaram a se organizar em anos recentes. O acesso de muitas lideranças à instrução e inclusive a cursos superiores facilitou o processo de organização, que culminou em 1980 com a fundação da União das Nações Indígenas (UNI), que tem por objetivo articular as duzentas nações do país. Surgiram vários líderes, como Mário Juruna (eleito deputado federal em 1982, o primeiro índio deputado da História do Brasil), Ângelo Cretã (assassinado em 1980), Marçal de Souza (assassinado em 1983), Raoni, Paulo Payakan, Davi Yanomami, Jorge Terena, Megaron e outros.

Questões propostas

1. Quais os principais grupos indígenas brasileiros?

2. O que é tribo?

3. Como os índios fazem a divisão de trabalho entre os sexos?

4. Descreva alguns dos conhecimentos indígenas.

5. Dê exemplos das manifestações artísticas dos índios.

6. Quais foram os resultados do contato dos índios com os brancos?

7. Quantos se calcula que sejam hoje os índios brasileiros? Quantos eram no início da colonização? Que têm feito os indígenas para que sejam respeitados?